

FAMÍLIAS ADOTIVAS, AMAS-DE-LEITE E AMAS-SECAS E O COMÉRCIO DE LEITE MATERNO E DE CARINHO NA CORTE DO RIO DE JANEIRO

Almir Chaiban El-Kareh

Resumo: O grande número de anúncios de procura por famílias que quisessem aceitar crianças livres e cativas para criar e daquelas que se ofereciam para criá-las, assim como o de amas-de-leite para amamentar as crianças livres, nos revela um comércio organizado em torno da venda do leite materno. Primeiramente controlado pelos proprietários de escravas, aos poucos este mercado foi sendo disputado por mulheres livres e pobres que tiveram de montar determinadas estratégias para ficar com uma fatia dele. Nesta disputa, ser "carinhosa para crianças" era uma qualidade que valorizava qualquer empregada, mas, sem dúvida alguma, era o leite materno que mais agregava valor à mulher, especialmente a desqualificada, que pôde se integrar ao mercado de trabalho como vendedora de um produto de alto valor que não podia ser consumido senão com a própria ama, a quem estava vinculado, até que a mamadeira viesse a substituí-la.

Palavras-chave: Famílias adotivas; amas-de-leite; amas-secas; comércio de leite materno.

Já nos últimos anos da década de 1830, o pastor norte-americano Daniel Kidder, que parece ter sido um assíduo leitor dos jornais da Corte, se deliciava, assim como os leitores cariocas, com as suas seções de anúncios. Extremamente variados, alguns esdrúxulos, outros inusitados, e, muitos, divertidos dada à maneira jocosa e criativa como os seus anunciantes os redigiam, a fim de atrair a atenção do público para os seus produtos ou serviços, os anúncios, especialmen-

te os de compra e venda, sempre renovados, provocavam muita curiosidade e interesse no público em geral. Principal meio de propaganda, a seção de anúncios, talvez mais que todas as demais seções, devia ser a responsável pelo sucesso de venda dos jornais junto à população carioca, e mesmo de toda a província do Rio de Janeiro, se dermos crédito a Kidder:

A matéria da seção de publicidade é alterada quase diariamente e procurada, com

avidez por grande número de leitores pelo pitoresco de seu conteúdo e pela variedade que apresenta (KIDDER, 1972, p. 88).

Através da seção de anúncios, estabelecia-se um verdadeiro diálogo entre vendedores e compradores que se correspondiam por suas folhas diárias com a mesma rapidez de sua publicação. Estes anúncios diziam respeito a todos aqueles que estavam envolvidos com a produção e consumo de alimentos, senhores e senhoras de escravos, donas de casa ou proprietários de restaurantes, empregados domésticos, livres e escravos, e com o que mais nos interessa aqui, as pessoas responsáveis pelos cuidados com a alimentação das crianças na Corte do Império do Brasil, que é o objeto deste trabalho.¹

Por isso mesmo, os anúncios de compra e venda de serviços e mercadorias são uma fonte de suma importância para a história social da alimentação, em particular da criança, não só pela fartura de material que fornece, mas, sobretudo, por sua qualidade não-ideológica, ainda que se tratasse de propaganda comercial, uma vez que os trabalhadores livres neles aparecem como vendedores, oferecendo a sua força de trabalho, e os escravos sendo vendidos ou alugados como mercadorias. Portanto, dentro de relações sociais em que os agentes comerciais, compradores e vendedores de serviços, famílias adotivas e amas-de-leite, livres ou escravas, estavam sujeitos apenas a juízos de valores econômicos.

Pelo grande número de anúncios de procura por famílias que quisessem aceitar crianças cativas para criar e daquelas que se ofereciam para criá-las, pode-se inferir que esta prática de separar os escravos recém-nascidos, ou de alguns me-

ses de idade, de suas mães era corrente: "Dá-se uma criança preta para se criar de leite, na rua da Pedreira da Glória nº 60"² ou "Uma senhora branca, com muita abundância de leite, deseja achar uma criança, branca ou de cor; para tratar, no Campo de São Cristóvão nº 53; em frente ao açougue Rosa."³ E os anúncios publicados com apenas um dia de diferença – "Aluga-se uma preta ama-de-leite, muito sadia, com leite de 5 meses; em Mataportos nº 56", e no dia seguinte, "Quem estiver no caso de criar uma criança, que tem 5 meses de idade, queira anunciar sua morada por esta folha"⁴ – não só nos levam a suspeitar que sejam do mesmo anunciante, como nos forçam a indagar sobre as razões que podiam motivar os senhores a separar crianças tão pequenas de suas mães.

Esta separação podia ter uma explicação muito banal como a incapacidade da mãe de amamentar o seu filho,

Vende-se (por falta de leite) uma cria preta muito linda, própria para dar de presente, por ser muito galante e esperta; ou mesmo para quem tiver preta com leite, para assim lhe facilitar o resto da criação; na rua Direita nº 159, 2ª andar⁵

ou o falecimento da mãe: "Vende-se, por lhe faltar a mãe, uma cria pardinha, nascida há oito dias; na rua do Senado nº 60".⁶

Porém, para o pastor Daniel Kidder, a razão da separação estava em "serem filhos de escravas cujos senhores, não querendo ter trabalho nem fazer gastos com a criação dos negrinhos, ou precisando das mães para amas, obrigam-nas a abandoná-los na 'enjeitaria' de onde, se sobreviverem, sairão libertos".⁷ Portanto, sua explicação se baseava em dois

motivos, um econômico, ou seja, a necessidade de alugar a escrava como ama-de-leite, e outro filantrópico, a possibilidade de obtenção da liberdade pelos negrinhos colocados na roda da Santa Casa de Misericórdia, onde podiam ser recuperados por uma família adotiva, muitas vezes, a do próprio pai da criança.

No entanto, o que os jornais dos anos 1850, portanto, posteriores à abolição do tráfico africano, nos mostram pelo número muito grande de venda de crianças escravas, mesmo recém-nascidas, é que se tratava de uma mercadoria lucrativa. O anúncio

Vende-se uma crioula moça, mucama, com princípio de gravidez, e com dois lindos filhos, sendo uma linda crioula de 6 anos e um lindo crioulo de 2 anos, ambos muito gordos; são de pessoa particular, e vendem-se por se precisar do seu importe; a preta é muito própria para roça por produzir e criar muito bem os filhos, como se vê pelos crioulinhos; na rua de S. Pedro nº 101.⁸

ao enfatizar os atributos de procriadora e criadora da escrava como próprios para a lavoura, sinalizava uma nova ordem de coisas, a preocupação dos fazendeiros com a reposição da mão-de-obra escrava, a valorização da escrava “criadeira” e um novo interesse (um novo sentimento?), de ordem econômica, pela criança.

Por outro lado, os anúncios de demanda de famílias adotivas para amamentar crianças cativas nos fazem crer, contrariamente ao que afirma Kidder, que se tornara mais vantajoso pagar para se criar um negrinho, em vez de se desembaraçar dele, e alugar sua mãe, como ama-de-leite, conforme se evidencia no seguin-

te anúncio: “Aluga-se uma ama-de-leite sem cria para casa particular; na rua das Violas nº 134”.⁹ Podia-se também alugá-la com seu filho, ainda que por um preço inferior ao seu real valor: “Aluga-se uma parda que lava, engoma e cose com perfeição, levando uma filha de meses, motivo por que se aluga por menos do seu valor; na rua do Hospício nº 4”.¹⁰ Esta suposição se esteia nos muito numerosos anúncios de oferta de aluguel de amas-de-leite, acompanhadas de seus filhos, como este: “Aluga-se, por 20\$ mensais, uma preta ama-de-leite, com filho de um mês; na rua de S. Pedro da Cidade Nova nº 1 A”.¹¹ Em alguns casos, o proprietário deixava ao alugador decidir: “Aluga-se na rua do Hospício nº 38, 1º andar, uma escrava com abundante leite e muito bom, com cria ou sem ela”.¹²

Quando se tratava da venda de escravas, o estar acompanhada de uma ou mais crianças se tornava mais vantajoso para o vendedor, que obtinha um preço melhor por sua mercadoria. O que fica evidente nos dois anúncios feitos, no mesmo dia, pela casa de revenda de escravos em consignação da rua dos Ciganos nº 8: “Vende-se, por 1:600\$, uma preta com 29 anos, que lava e cose bem, com uma filha de 4 anos” e “Vende-se, por 2:600\$, uma parda moça que lava, cozinha, engoma e cose bem, com três filhos”.¹³ Portanto, uma diferença de um conto de réis que não podia se justificar apenas pelo fato de esta última ser mais prendada que a primeira.

Como o preço exigido para se criar estas crianças escravas era bem inferior ao pago a uma ama-de-leite alugada, havia vantagem em separá-las de suas mães, especialmente porque o valor de seu aluguel aumentava quando não acompanhadas de

seus filhos. Em meados da década de 1850, o preço médio do aluguel de uma ama-de-leite não acompanhada de seu filho era de cerca de 22 mil réis mensais, o que correspondia ao preço médio do aluguel de uma escrava doméstica, como se pode verificar nos anúncios seguintes: "Aluga-se uma preta boa ama-de-leite, por 22\$000; na rua da Prainha nº 98"¹⁴ e "Precisa-se alugar uma preta na rua do Cano 181, paga-se 22\$ por mês, sabendo cozinhar, lavar e engomar".¹⁵ No entanto, podia-se pagar 12 mil réis para se amamentar e criar uma criança escrava e, se estivesse no final de seu período de amamentação, apenas a metade(!): "Quem quiser criar de leite uma cria por 12\$ por mês, dirija-se à rua das Marrecas nº 29"¹⁶ e

Quem quiser tomar uma criança cativa e de cor para desmamar e que seu preço não exceda 6\$ mensais, dirija-se à rua de São Pedro nº 87.¹⁷

Mas tudo indica que este costume não se restringia às crianças cativas. Se dermos crédito ao grande número de anúncios de oferta e procura de crianças brancas para se criar, o hábito de transferir os seus cuidados, tanto de alimentação quanto o de criação, a uma senhora ou a uma família estranha, também estava razoavelmente disseminado no Rio de Janeiro. A fórmula básica da prestação deste serviço consistia em garantir o bom tratamento e o desvelo com que a criança seria tratada. Às vezes, mencionava-se a qualidade do leite ou o preço do serviço, e a cor da prestadora ou, então, o estatuto de mulher livre, de "senhora", que iria amamentar a criança:

Uma senhora branca, com muita abundância de leite, deseja achar uma criança

para criar com todo o desvelo; afiançando-se o bom tratamento; na rua dos Inválidos nº 49.¹⁸

Como carinho, desvelo e bom tratamento deviam custar muito pouco para quem já dispunha do leite, os gastos exigidos com a sua criação eram mínimos, tornando-se um atrativo como complemento da renda para certas famílias remediadas que, possuindo uma escrava com abundância de leite, podiam vendê-lo; assim como para certas senhoras pobres que viam na venda de seu leite um meio de sustento, e arcavam com a criação de crianças estranhas, com as quais dividiam o leite de seus próprios filhos, em troca de uma soma que, na época, podia corresponder ao aluguel de uma ama-de-leite:

Na rua da Carioca nº 64, recebe-se uma criança branca para amamentar com muito bom leite, como mostra a filha da pessoa que se oferece, por 20\$ mensais, pagos adiantados; não se aceita a criação por menos de seis meses.¹⁹

Outrossim, percebe-se que este serviço era prestado, em geral, por famílias de poucas posses que deviam possuir apenas uma escrava para todo o serviço. Isto pode ser deduzido do fato de que, não podendo prescindir do seu trabalho doméstico alugando-a como ama-de-leite, preferiam vender o seu leite aos pais da criança, que adotavam provisoriamente:

Uma família moradora num arrabalde desta cidade, tendo uma parda com muito e bom leite, toma uma criança de casa capaz para criar; trata-se na rua do Sabão nº 235.²⁰

Mas, também, parece haver sido uma estratégia de certas famílias remediadas, até mesmo de pequenos comerciantes, que viam nesta prática um complemento de sua renda. É o que indica a referência à casa comercial no final do endereço: “Uma senhora branca parida, há vinte e tantos dias, com muito e bom leite, recebe uma criança branca para criar; na rua da Carioca nº 103, loja”.²¹ Em outros muitos casos, era uma dona de casa, forra ou branca, mas pobre, que estando presa às suas obrigações domésticas se oferecia a amamentar e criar uma criança em sua própria casa: “Uma senhora casada oferece-se para criar uma criança, levando-a para a sua casa, com muito e bom leite; para informações na rua da Vala nº 42”.²² Então, invariavelmente, o fato de se tratar de uma mulher livre, uma senhora, era sempre avançado: “Toma-se uma criança branca, de família capaz, para uma senhora criar de leite; na rua da Quitanda nº 85, 2ª andar.”²³

Quando se tratava da procura por famílias adotivas, a idade da criança, a cor da ama, certas qualidades da família receptora e as condições de pagamento eram explicitadas. É fato que havia famílias que faziam muito poucas exigências: “Se alguma família honesta se quiser encarregar da criação e manutenção de uma criança de seis meses, queira anunciar por este jornal”.²⁴ Quando isto acontecia, a possibilidade de que se tratava de uma criança escrava era muito grande. Em contrapartida, quando se tratava de crianças brancas, este traço era realçado tanto na oferta como na procura: “Precisa-se dar uma criança branca para criar de leite em casa capaz; quem estiver no caso de recebe-la anuncie a sua morada”²⁵ ou “A pessoa que anunciou precisar dar a criar uma criança branca em casa

capaz, queira dirigir-se à rua do Hospício de Pedro II, nas obras de recolhimento de Santa Tereza”.²⁶ E, normalmente, a oferta de uma criança branca para criar de leite tinha toda chance de encontrar freguês imediatamente, daí o anúncio não reaparecer nas colunas dos jornais. Assim, no dia seguinte ao apelo “Precisa-se dar uma criança branca para criar de leite em casa capaz; quem estiver no caso de recebe-la anuncie a sua morada”,²⁷ apareceram quatro propostas, sendo que uma delas procurava prevalecer se valendo do fato de que a criança seria amamentada por uma mulher livre, provavelmente a dona da casa:

O Senhor que anunciou ter uma criança para dar a criar, queira dirigir-se ao morro de Paula Matos, ladeira do Senado, nº 25, que há de agradar por ser casa capaz; é uma senhora que vai criar.²⁸

Percebe-se ainda que, quando se tratava de crianças brancas, havia uma preocupação com o carinho e a atenção que deveriam ser-lhes dispensados: “No Campo da Aclamação nº 79, dá-se uma menina branca de três meses para criar de leite; prefere-se casa de família que a trate com desvelo”.²⁹ Por outro lado, o tamanho do anúncio e a quantidade de exigências contidas davam uma idéia do maior ou menor interesse dos pais pela criança e do seu nível social:

Ama-de-leite. Se alguma família honesta quiser encarregar-se de uma criança para criar de leite com todo o carinho, pagando-se pontualmente o que se convencionar, anuncie por este Jornal³⁰

ou

Ama-de-leite. Precisa-se de uma pessoa muito capaz, para acabar de criar em sua

casa uma criança de 7 meses, pagando-se mensalmente o que se ajustar, porém exige-se pessoa limpa e de boa conduta; dirijam-se à tipografia deste Jornal com as iniciais L. L. L. declarando a rua e número para ser procurada, ou dirijam-se à rua do Regente nº 11.³¹

E, em função do tipo de serviço a ser prestado e de sua qualidade, era ajustado o montante da remuneração, que se fazia mensalmente, como em todos os contratos de locação de serviços domésticos. Nestes casos, era freqüente a explicitação do preço a ser pago pelo serviço, que em se tratando de uma criança branca correspondia ao aluguel de uma ama-de-leite: "A quem convier acabar de criar um menino de três meses de idade, pela quantia de 20\$000 mensais, dirija-se à rua dos Ourives nº 155, loja".³²

O hábito de entregar crianças, livres ou escravas, a senhoras ou famílias adotivas não se limitava às recém-nascidas ou em seus primeiros meses de vida. A permanência em lar adotivo podia se estender para além da fase da amamentação, com a mesma família ou com outra. O que não foi possível avaliar nesta pesquisa foi o tempo médio de permanência destas crianças com as suas mães adotivas.

Ainda que relativamente pouco numerosos, os anúncios de oferta e procura por crianças no final de sua fase de aleitamento podem ser identificados pela expressão "acabar de criar", como no citado anteriormente, ou "desmamada": "Quem quiser dar alguma criança a criar de leite ou mesmo já desmamada, dirija-se à Travessa do Pau-Ferro nº 6, em S. Cristóvão ou Travessa das Flores".³³ E algu-

mas eram dadas à adoção já bem grandinhas:

Precisa-se de uma família que se queira encarregar de tomar conta de uma criança de dois anos de idade, concorrendo-se com todas as despesas; quem pretender deixe carta fechada neste escritório com as iniciais A.Z.³⁴

Também nestes casos, devia tratar-se de famílias que viam na adoção um modo de aumentar a renda familiar sem grandes custos, utilizando-se da estrutura doméstica de serviços já implantada:

Uma família honesta, incumbe-se da educação e tratamento de duas meninas, com todo o desvelo e carinho; para informações, na rua do Lavradio nº 17. Na mesma casa lava-se e engoma-se com perfeição.³⁵

Ou podia ser o apelo aflito de algum pai viúvo:

A senhora que quiser ter em sua companhia uma menina de oito anos, a fim de lhe prestar os cuidados de mãe, sendo honesta, deixe carta nesta tipografia a Z. A., que se pagará a despesa da instrução.³⁶

Neste caso, o que se pedia para a menina eram os cuidados de mãe, mas o que se pagava era a sua instrução. Mas tudo indica que os sentimentos da época não se chocavam com o fato de que o carinho de mãe tivesse um preço como qualquer outra mercadoria:

Qualquer pessoa que quiser dar uma criança de ano e meio para cima, para ser criada com todo o carinho de uma mãe, por preço cômodo, dirija-se à rua do Carmo nº 28, 1ª andar, que lhe darão todas as informações

e acrescentava: “afiança-se o bom tratamento”,³⁷ como se não bastasse todo o “carinho de uma mãe”!

Mas, se o bom tratamento era, de fato, uma preocupação real das famílias que entregavam os cuidados de seus filhos a pessoas estranhas, a vigilância sobre a conduta destas não só era possível de ser exercida como também era admitida, tacitamente ou contratualmente, uma vez que todos, pais e famílias adotivas, viviam na cidade ou em seus subúrbios, a menos de uma hora de distância do Centro:

Uma senhora com muito e bom leite presta-se a tomar para criar uma criança; quem precisar pode dirigir-se ao canto da Pedra do Sal nº 23; adverte-se que o dono da criança poderá ir vê-la a qualquer hora do dia.³⁸

Infelizmente, não pudemos verificar se era hábito retirá-las quando fosse constatado algum abuso do contrato.

Mas quais eram as famílias que entregavam a criação de seus próprios filhos a famílias adotivas? E que motivos levavam-nas a abdicar desta função? Quando se tratava dos filhos de escravas, a motivação econômica podia explicar esta separação. Mas em se tratando de famílias que tinham os meios para criar e educar suas crianças, por que preferiam transferir esta responsabilidade a uma outra família, se podiam fazer como a maioria dos outros pais cariocas que alugava uma ama-de-leite ou uma ama-seca para cuidar de seus filhos em seu próprio lar? Por que não encaravam a criação e educação dos filhos na primeira infância como obrigação pessoal dos pais? Infelizmente, os anúncios não fornecem da-

dos suficientes para responder, ainda que superficialmente, a estas perguntas.

Em compensação, eles nos fornecem um rico material para compreender as relações domésticas entre as senhoras cariocas e as amas-de-leite. No que respeita às crianças livres, o número elevadíssimo de anúncios de oferta e procura de amas-de-leite não deixa dúvida alguma sobre o fato de que a prática entre as senhoras cariocas de não amamentar seus próprios filhos e confiar esta tarefa a criadas, em sua imensa maioria escravas, próprias ou alugadas, a quem impunham outros trabalhos domésticos, estava muito disseminada e enraizada. No entanto, o anúncio

Precisa-se de uma senhora livre ou cativa para carregar uma criança de um mês e tratar da roupa da mesma, contanto que o seu aluguel não exceda 10\$ mensais; quem lhe convier pode deixar nesta tipografia sua morada em carta dirigida a S.A.A.³⁹

nos leva a deduzir que, neste único caso encontrado em nossa amostragem, era a mãe biológica que amamentava o seu filho e necessitava apenas de alguém que cuidasse dele e de sua roupinha. Entretanto, o aluguel muito baixo de dez mil réis só podia ser aceito por uma mulher livre muito pobre ou pelo dono de uma escrava velha o bastante para realizar serviços menos bem remunerados.

Ocupadas com o serviço da casa, estas amas-de-leite não estavam, normalmente, incumbidas da criação das crianças, apenas de sua alimentação. O aviso seguinte dá a idéia de que se esperava que uma ama-de-leite fosse, também, criada:

Criada Branca. Precisa-se de uma criada de boa conduta, branca ou parda livre, que saiba engomar e seja carinhosa para crianças, preferindo-se se tiver leite; na rua da Quitanda nº 91.⁴⁰

Parece-nos, por conseguinte, que a criação propriamente dita, ou seja, os cuidados com a sua higiene, suas roupas, seus brinquedos e sua educação eram apanágio de suas mães, ainda que muitas vezes secundadas por escravas ou mesmo por mulheres livres, algumas estrangeiras, a quem se ofereciam, com frequência, boas vantagens.

A oferta, sob a forma de aluguel, deste serviço, realizado principalmente por escravas, era declinada, insistindo-se nas características da ama-de-leite, ou seja, sua juventude, o tempo de parida e a abundância de seu leite, sempre “muito bom”, que davam uma idéia do prazo de extensão do seu aluguel, e suas qualidades físicas, morais, profissionais e de conduta:

Aluga-se uma preta para ama-de-leite, com muito bom leite e com todos os quesitos necessários para tratar uma criança; quem a pretender dirija-se à Praça da Imperatriz, sobrado por cima do açougue no qual mora o Ilmo. Sr. Dr. Mariano Antonio Dias⁴¹

ou

Aluga-se uma preta muito boa ama-de-leite, muito sadia e carinhosa para crianças, a qual tem abundancia de leite; trata-se na praia de S. Cristóvão nº 45, de frente da ponte da barca a vapor.⁴²

E quanto mais jovem e mais recentemente parida, mais valorizada era: “Alu-

ga-se uma ótima ama-de-leite, parida há poucos dias; na rua do Espírito Santo nº 29.”⁴³

Quando se tratava da venda, além das qualidades acima, era comum especificar-se suas habilidades, com que poderia ocupar-se fora dos momentos da amamentação, o que a valorizava, especialmente porque uma vez terminado o período da lactação, eram as suas demais qualidades que prevaleciam

Vende-se na rua Direita nº 32, 1º andar, uma preta com uma filha de igual cor de mês e meio, com muito e bom leite, é perfeita engomadeira, lavadeira e cozinheira e faz todo o serviço do interior de uma casa de tratamento; responde-se por todas estas qualidades, e o motivo da venda se dirá ao comprador ao qual não desagradará.⁴⁴

E o número muito elevado de amas-de-leite ou amas-secas escravas, acompanhadas de seus filhos, nos leva a pensar que a mortalidade deles não ultrapassasse a média das crianças em geral, em particular porque viviam com as suas mães na casa de seus patrões e deviam ser mais bem alimentadas que as crianças livres pobres. Além do que, supomos que os senhores teriam concluído que as crianças escravas, cada vez mais valorizadas, eram mais bem tratadas quando criadas por suas mães do que por amas adotivas. Anúncios como este nos dão disso uma boa idéia, tanto pelo número de filhos, como por sua bonita aparência:

Vende-se de particular uma preta com leite, moça e de nação, tendo algumas prendas, e três filhos muito galantes, sendo um crioulinho de 5 anos, uma

negrinha de 3 anos, e outro de 2 meses; o motivo da venda é por seu senhor (pessoa com quem se trata) não ter família; na rua de S. Francisco de Paula nº 24, das 8 horas em diante.⁴⁵

Pode-se, mesmo, perceber uma preocupação com o bem-estar da mãe escrava, para a qual se procurava evitar um excesso de trabalho que pudesse afetar sua cria, na explicitação das tarefas que poderia exercer:

Aluga-se para alguma casa reconhecidamente capaz, e só para trabalhos de agulha e engomar, uma parda de 25 anos, sem vício algum, trabalhadeira, recolhida, muito humilde e carinhosa para os brancos, tem uma cria, ainda não desmamada, razão pela qual se limita só àqueles, por ora, serviços que pode prestar com perfeição, além de saber muito bem vestir e pregar uma senhora, aprontar e servir um chá; não podendo sair à rua senão com sua ama, dentro ou nos arrabaldes da cidade; a quem convier anuncie por este mesmo Jornal.⁴⁶

E parece que o hábito de não separar as escravas de seus filhos começava a se generalizar, impor-se e se multiplicar, a ponto de a procura se adaptar a esta tendência, como atesta, entre muitos outros, este anúncio:

Precisa-se comprar uma escrava de casa particular, de 24 anos, mesmo com cria, que saiba bem lavar, cozinhar, coser e engomar liso, dando a contento por alguns dias; deixe sua morada por carta nesta tipografia com as iniciais A.J.M.⁴⁷

O que não deve, de forma alguma, nos deixar cair na tentação de imaginar

uma escravidão doméstica doce e sem sofrimentos nem humilhações, nem nos deixar iludir sobre a verdadeira condição de objeto, de mercadoria, mesmo dos escravos domésticos mais próximos de seus donos, que não perdiam a oportunidade de ganhar dinheiro com o aluguel e a venda deles. Além disso, não era à toa que uma escrava era chamada de cabra ou cabrita, segundo a sua idade:

Fugiu no dia 27 do corrente uma rapariga cabra de nome Adelaide, chamada em casa de Adela, tem 17 anos de idade, alta meio corpo, rosto redondo, feições regulares, airosa no andar (...).⁴⁸

E certos anúncios não deixavam a menor incerteza quanto à situação de uma ama-de-leite, ou seja, a mulher que amamentava os filhos dos senhores, que não passava de um animal de produção leiteira:

Compra-se uma cabrita parida de pouco tempo e que tenha bom e abundante leite; quem a tiver e a quiser vender dirija-se à rua do Hospício nº 332.⁴⁹

Basta compará-lo com este outro, para dissipar qualquer hesitação quanto a seu estatuto: "Em Niterói rua da Rainha nº 43 loja, vende-se uma cabrita de boa qualidade, com abundância de leite e é criadeira de crianças e muito mansa."⁵⁰ Neste anúncio, não fossem as expressões "de boa qualidade" e "mansa", seria difícil perceber que se tratava da venda de um animal. Mas, como até mesmo para os contemporâneos esta confusão no vocabulário (e, provavelmente, nos sentimentos) dava lugar a equívocos, para sanar qualquer dúvida, um anunciante deixava bem claro: "Vende-se uma cabra

(bicho) com abundante leite e uma linda filha; na rua de Catumbi Grande nº 26 A, junto ao arco”.⁵¹

De qualquer jeito, como as amas-de-leite alugadas acompanhadas de suas “crias”, apesar de sua depreciação, eram oferecidas em muito maior número do que as “sem filho”, isto nos sugere uma mudança na atitude dos senhores, que preferiam não separar suas escravas de seus filhos pelas razões sugeridas acima, ou mesmo, quem sabe, como resultado da resistência delas em não se separar deles. Desafortunadamente, esta última hipótese não pôde ser inferida desta documentação.

A venda do leite se tornara, assim, um meio de sobrevivência para certas mulheres livres, provavelmente jovens solteiras ou mesmo casadas e totalmente desamparadas, sem nenhum vínculo social ao qual pudessem se agarrar, como as imigrantes portuguesas que chegavam das ilhas dos Açores e precisavam se empregar em troca do reembolso de suas passagens de navio transformadas em dívidas, que deveriam ser posteriormente saldadas descontando-se mensalmente de seus ordenados, como a que anunciava:

Para ama-de-leite. Uma moça branca, chegada há pouco tempo, quer-se contratar para casa de alguma família que lhe adiante a sua passagem; informar-se na rua do Hospício nº 48.⁵²

Foi, também, um subterfúgio para que muitas mulheres pobres, casadas ou mães solteiras, encontrassem acolhida, casa e comida, e um bom tratamento, ainda que fossem muito mal remunera-

das, ou mesmo sequer recebessem um salário, como as que anunciavam:

Oferece-se uma senhora estrangeira para casa de pequena família, sabendo esta fazer todo o serviço de casa e dando fiador à sua conduta, não exigindo a mesma grande salário; para informações, na rua da Pedreira da Glória nº 5, loja.⁵³

Uma senhora parida há um mês do primeiro parto, deseja criar uma criança onde lhe dêem bom tratamento; deixe carta neste escritório com as iniciais A. X. Z.⁵⁴

E talvez fosse o caso de muitas outras imigrantes, na maioria portuguesas, já ingressadas no país, mas que não tinham como se sustentar e que ficavam à mercê da caridade e da exploração das famílias cariocas, como esta:

Quem precisar de uma moça branca, portuguesa, muito sadia, do primeiro parto, sem filho e muito carinhosa para crianças, boa para ama-de-leite, dirija-se à rua do Sabão nº [ilegível].⁵⁵

Quanto ao mercado de trabalho livre, formado pelas donas de casa que se ofereciam como mães ou famílias adotivas, não resta dúvida de que se ampliou e se diversificou com a oferta de mulheres livres nacionais, em sua maioria forras, e, mesmo, algumas estrangeiras que se ofereciam a trabalhar e a viver nas residências dos patrões. A maneira como se anunciavam nos leva a crer que elas procuravam se ajustar ao mercado de trabalho doméstico escravo⁵⁶ e tirar proveito dele de duas formas. Primeiramente, defendendo um patamar de remuneração, ao propor, em troca de seus servi-

ços, o mesmo valor do aluguel exigido pelos senhores dos escravos alugados em condições semelhantes, ou até mesmo um valor maior, oferecendo um serviço de melhor qualidade. Em segundo lugar, limitando o tipo e a quantidade de serviço que fariam, ou seja, se oferecendo para trabalhar em atividades específicas, de preferência em casas de homens solteiros ou viúvos, ou de famílias de poucas pessoas, e, se possível, ricas:

Aluga-se uma senhora de cor, para tomar conta de alguma criança ou arranjos de casa de algum casal ou viúvo com filhos, mesmo não duvida ir par os arrabaldes para ensinar alguma crioulinha a coser, ou casa de alguma modista, mas quer casa de alto tratamento e muito capaz; para tratar na rua de S. Pedro nº 385.⁵⁷

No caso das amas-de-leite, podemos perceber esta estratégia quando se anunciavam nos mesmos termos dos anúncios de escravas, portanto, dentro das regras do mercado escravista, ainda que deixassem claro tratar-se de mulheres livres, fosse indicando a cor branca, fosse usando o verbo reflexivamente, fosse utilizando-se de palavras indicativas do estatuto livre: "Aluga-se, na rua do Ouvidor nº 26, uma senhora branca para ama-de-leite, também lava, engoma e cose perfeitamente"⁵⁸ ou "Uma senhora de cor parda, do primeiro parto, deseje-se alugar para ama-de-leite; quem a mesma pretender dirija-se à rua Formosa nº 66, loja".⁵⁹ Invariavelmente, os preços pagos por seus serviços estavam de acordo com o mercado de trabalho escravo carioca, pois a indistinção entre livres e escravas implicava na aceitação do mesmo preço para idêntico serviço:

Atenção. Alguma senhora nacional ou estrangeira, ou mesmo alguma parda ou crioula, de meia idade, que se queira incumbir de tratar de quatro meninos, com o maior desvelo e carinho, pode dirigir-se à rua da Lapa nº 99, para contratar-se uma vez que ofereça fiança de sua conduta.⁶⁰

No entanto, paralelamente, via-se surgir uma demanda de serviços domésticos para famílias de poucas posses, que se abastecia amplamente na oferta barata de escravos velhos, primeiro, e, depois, de imigrantes, especialmente de mulheres e adolescentes de ambos os sexos, que passaram a ocupar seus lugares. Acreditamos que a tendência a se preferir empregadas domésticas livres (inclusive meninos) mais baratas foi, aos poucos, contaminando toda a classe dos patrões, e minou a estratégia das empregadas domésticas livres em sua luta por melhores salários.

Esta tendência pode ser percebida claramente na demanda por pessoas livres para realizar as mesmas funções de escravos, mas com uma remuneração muito menor, aproveitando-se do fato de que não estavam protegidas pelo mercado de trabalho escravo, onde o preço do trabalho dependia do valor do escravo como mercadoria. Assim, enquanto

Uma família estrangeira, morando no Engenho Velho, deseja alugar uma negrinha de 12 a 13 anos, para andar com um menino de 2 anos, não se duvida pagar bem, mas é indispensável que a negrinha seja de boa conduta e carinhosa; para mais informações, na rua de S. Pedro da Cidade Nova nº 73, padaria, e Mataporcos nº 58.⁶¹

uma outra menos abastada e menos exigente anunciava precisar

de uma crioulinha que seja livre, para carregar uma menina de 8 meses; dá-se-lhe todo tratamento, menos aluguel, para casa de família; na rua de Santa Cristina nº 13 A.⁶²

Era, portanto, no nível da remuneração do trabalho que estas diferenças eram mais marcadas. Enquanto o senhor de escravo estabelecia o preço do aluguel de sua escrava, que podia ser discutido, a demanda que vinha de famílias mais pobres se caracterizava pela preferência sempre por pessoas livres e pobres, no mais das vezes, crianças, e a imposição de condições que aviltavam o valor do trabalho doméstico:

Criança. Precisa-se de uma criança, branca ou de cor, para entreter uma menina, dando-se-lhe a comer e vestir, afiançando-se trata-la bem; quem estiver nestas circunstâncias dirija-se à rua do Ouvidor nº [ilegível].⁶³

ou

Precisa-se de uma mulher livre, moça ou de idade, branca ou de cor, que por casa, roupa lavada e comida, e até por pequeno aluguel, queira ficar em uma casa de família para andar com uma criança; trata-se no beco de Bragança nº 2, de 10 horas da manhã às 2 da tarde.⁶⁴

Como sói acontecer, esta demanda inchada pela imigração estava em grande parte condicionada por uma oferta, de trabalho depreciado pelas condições de vida muito precárias das mulheres e adolescentes que desejavam ou se viam forçadas a ingressar nesse mercado. E, as-

sim, paralelamente ao mercado de trabalho escravo, protegido pelos interesses dos senhores e por regras próprias, surgiu e se desenvolveu um mercado de trabalho livre. Este baseado na exploração de mulheres, crianças e velhos (cujo trabalho é igualado ao dos jovens) e à mercê dos interesses dos patrões, uma vez que não estavam protegidos nem pelas leis nem por preceitos corporativos: "Precisa-se de um pequeno de 12 a 14 anos, ou um homem de idade, para caixeiro; na rua do Sabão nº 259".⁶⁵

Entretanto, salta aos olhos do leitor dos classificados da época que, como é de praxe ocorrer, seria uma simplificação abusiva reduzir as relações de trabalho domésticas a uma relação unívoca de poder e de domínio. Além da já referida estratégia salarial de um segmento das empregadas domésticas, é preciso destacar uma outra oriunda do fato de que as amas-de-leite, especialmente as livres, mas não só, aparecem como vendedoras de um produto especial da qual tinham o monopólio, o leite materno, ainda que no caso das escravas este produto fosse apropriado pelo seu senhor, dono de seu próprio corpo. Em todos os casos, este monopólio associado à amamentação propriamente dita implicava uma relação íntima entre a ama e o bebê, relação que devia ser acompanhada de cuidados especiais e de carinho com a criança, mas também de preocupações morais e cuidados especiais com a produtora do leite, com o seu corpo, sua higiene e sua alimentação. Não é sem razão que se multiplicam as referências alusivas ao seu corpo e a seus hábitos higiênicos, como "mucama de elegante figura", "linda ama-de-leite", "muito vistosa", "muito limpa e sadia", "bem tratada", "vinda da roça" (o que devia significar que era mais

saudável), sem “vícios nem moléstias”; à sua conduta, como “exemplar comportamento”, “muito extremosa”, e a seus predicados profissionais, como “inteligente”, “para cujo mister tem muita prática”, “com todos os quesitos necessários para tratar uma criança”, “com as prendas necessárias”, “acostumada a criar crianças”, “criadeira”. Estas alusões parecem indicar que a ama-de-leite, não só pela função que desempenhava na alimentação e criação das crianças em seu primeiro ano de vida, como também pelo monopólio da oferta do produto que vendia, ocupou um lugar privilegiado junto à família carioca e, conseqüentemente, na hierarquia do pessoal doméstico.

Esta hierarquia estava encimada pela figura do mordomo nas famílias mais ricas, como a que anunciava:

Precisa-se alugar, para casa de tratamento, um bom mordomo que saiba ler e escrever, pois não se duvida pagar bem, estando nas condições e dando fiador à sua conduta; pode dirigir-se à rua Direita nº 82, das 10 horas da manhã às 3 da tarde.⁶⁶

ou pela governanta, que vinha preencher, nos lares dos viúvos, o espaço deixado pela senhora defunta. Estas funções exigiam um grande conhecimento da economia doméstica, único capaz de viabilizar a administração da casa em seus mínimos detalhes, desde o aprovisionamento da despensa e o serviço da mesa até a manutenção e renovação do jardim, passando pelo asseio e arranjo da casa, a lavagem, engomagem e remendo das roupas, o aprovisionamento de água e a evacuação das águas servidas, e o entretenimento da cavalaria, das carruagens e dos animais e sua alimentação. O que,

por sua vez, implicava um saber comandar e dirigir a criadagem em suas tarefas específicas, como Maria, a ex-empregada irlandesa do pastor Kidder, que, quando apareceu de novo em visita à sua casa,

estava toda vestida de preto como freira; tinha sido elevada à alta categoria de despenseira de uma rica família brasileira. Trazia no cinto as chaves da despensa. Tinha autoridade sobre numerosos escravos e era freqüentemente convidada a acompanhar as senhoras à igreja.⁶⁷

Esta referência, acima, nos dá uma idéia do numeroso pessoal empregado numa rica família carioca e de como estava distribuído em suas funções de comando e de subalternidade, aquelas ocupadas por pessoas livres e estas por escravos, havendo tanto uma hierarquia entre os primeiros quanto entre os últimos.

Vivendo à larga, as famílias ricas dispunham, portanto, de uma domesticidade numerosa e variada, com funções hierarquizadas, e investiam num pessoal que se ocupava especialmente de suas crianças, amas-de-leite e amas-secas para as muito pequenas, mucamas para as sinhozinhos, e pajens para os sinhozinhos. Outras famílias, mesmo não dispendendo de uma escravaria numerosa, eram suficientemente abastadas para remunerar bem as suas amas, como a que anunciava:

Precisa-se de uma preta ou parda de meia idade, que seja capaz, carinhosa e que saiba tratar de crianças para ama-seca, não se duvida pagar bem no caso de agradecer; Princesa do Catete nº 1.⁶⁸

No entanto, a maioria das famílias da Corte possuía poucos escravos, quan-

do não apenas um para todo o serviço. Mas, quando uma nova criaturinha vinha partilhar da vida conjugal, era normal agregar-se a ela, por compra ou por aluguel, não só uma ama-de-leite, como também uma ama-seca para, no dizer da época, “andar com criança”. Esta personagem da vida familiar carioca tinha por objetivo distrair o bebê e, ao mesmo tempo, separá-lo da ama-de-leite, ou de sua mãe, que ficavam disponíveis para realizar outras tarefas domésticas ou produtivas, como no caso das profissionais costureiras, como a que anunciava:

Precisa-se alugar uma negrinha de 8 a 9 anos de idade e que seu aluguel não exceda de 6\$ mensais para andar com uma criança recém nascida, ensinando-se a coser, marcar e dando-se de vestir, quem a tiver dirija-se à rua do Cano nº31.⁶⁹

E o seu emprego parece ter sido muito generalizado, não só pelo número de anúncios, como ainda por aparecer ocupando o último lugar nas listas de compras de escravos das casas de consignação, como o menos qualificado, mas também como o exercido pelos mais jovens, indicando o início de uma carreira doméstica:

Precisa-se de algumas pretas moças e de meia idade, com prendas ou sem elas, ainda mesmo que seja com condição de portas a dentro; assim como pretos cozinheiros e de todo o serviço, moleques e negrinhas para andarem com crianças, sendo bem tratados, e pagam-se bem e adiantado um ou dois meses, conforme o trato que se fizer com seus próprios donos; para tratar, na rua do Senhor dos Passos nº 54.⁷⁰

Portanto, parece-nos que, se este tipo de criado serviu para liberar a dona de casa pobre e a profissional para que se dedicassem aos seus afazeres, ele serviu também para impedir que o proprietário da escrava “no leite” e a ama-de-leite livre pudessem usufruir o privilégio do monopólio do leite para reduzir a sua prestação de serviço apenas à amamentação e a algumas outras tarefas domésticas, leves, como coser, que podiam ser realizadas próximas ao bebê, enquanto dormia ou brincava. Desta forma, a babá engajada “para andar com criança” devia ser mal remunerada (daí serem preferidos os meninos e meninas muito jovens ou senhoras “de certa idade”), compensando os salários pagos às amas-de-leite, que seriam muito altos caso não fossem empregadas nos demais afazeres domésticos, como atestam os anúncios:

Recebe-se uma menina de 10 a 12 anos, para andar com uma criança de 10 meses, dando-se-lhe casa, comida e vestuário; quem quiser dirija-se à rua da Pedreira da Glória nº 41 A⁷¹

e

Precisa-se de uma mulher livre, moça ou de idade, branca ou de cor, que por casa, roupa lavada e comida, e até por pequeno aluguel, queira ficar em uma casa de família para andar com uma criança; trata-se no beco de Bragança nº 2, de 10 horas da manhã às 2 da tarde.⁷²

Assim, enquanto em 1857, pagava-se, em média, 26 mil réis mensais por uma ama-de-leite não acompanhada e prendada, podia-se conseguir uma “crioulinha para andar com crianças” por cerca de apenas 8 mil réis, quando não somente em troca de casa, roupa e co-

mida. Entretanto, na amostra aqui analisada, apesar do grande número de anúncios de pessoas “para andar com crianças”, que poderia confirmar esta hipótese, a oferta e procura de amas que só ofereciam o seu leite era sete vezes e meia maior do que as que além do leite ofereciam outras habilidades domésticas. No entanto, tudo nos leva a crer que era de praxe fazê-las realizar outras tarefas, e que, quando se anunciavam, estava implícito que esta seria a função primordial por que se alugavam ou vendiam, mas não a única. A explicitação de suas prendas domésticas teria, tão-somente, por finalidade, atrair o cliente, sinalizando sua potencialidade, pois seria inconcebível imaginar uma escrava alugada, em 1856, por 40 mil réis mensais – “Aluga-se para ama-de-leite, uma parda escrava, de 20 anos, muito sadia, com ótimo e abundante leite, prendada e carinhosa para crianças, na rua Formosa nº 83; seu preço 40\$”⁷³ –, que ficasse ociosa, quando o seu preço médio era de 22 mil réis; ou uma mulher livre, pobre, se alugando apenas para amamentar, ficando o resto do tempo desocupada, num regime de trabalho doméstico onde se trabalhava todos os dias da semana e o dia inteiro. E os anúncios limitando as tarefas da ama-de-leite, ora condicionando o seu aluguel aos serviços que eram “próprios de ama”, ora definindo quais as tarefas que poderia exercer além da amamentação, confirmam esta asserção.

De qualquer maneira, os preços de aluguel das amas-de-leite não acompanhadas e com prendas domésticas e das amas-secas com prendas semelhantes eram aproximadamente os mesmos, do que se pode inferir que as vantagens do monopólio do leite materno se reduziram, na prática, a um melhor tratamento, e

que quaisquer outros possíveis benefícios foram anulados pela figura da ama “para brincar” ou “para andar” com crianças, e pelo fato de que as mães biológicas também tinham leite e muitas delas, as menos abastadas, amamentavam os seus bebês e se alugavam como “mães adotivas”. Além disso, tanto as amas-de-leite quanto as amas-secas eram recrutadas entre as próprias famílias pobres (quando não nas mesmas). Assim, tanto havia mães que, para aumentar a renda ou diminuir a despesa familiar, se alugavam como amas-de-leite, como havia as que, pelos mesmos motivos, alugavam os seus filhos, ainda muito jovens, “para andar com crianças”, que era o primeiro passo na formação de um empregado doméstico.

Aliás, o trajeto profissional das crianças pobres do Rio de Janeiro se assemelhava em muito ao das crianças escravas. Se de maneira geral eram incumbidas das tarefas mais simples e menos pesadas, já havia uma diferenciação profissional baseada no sexo. Da mesma forma que entre os escravos adultos a função de cocheiro era exclusivamente masculina, entre os jovens, escravos ou livres, somente os meninos eram empregados para levar recados, o que se pode verificar nos anúncios: “Precisa-se alugar um preto de idade, ou um moleque de 10 ou 12 anos, para recados, e carregar coisas leves; dirija-se à rua das Marrecas nº 30”⁷⁴ e “Precisa-se de um menino de 10 a 12 anos para recados; pode dirigir-se ao Engenho Velho nº 88 A, para tratar”.⁷⁵

No entanto, o processo de aquisição dos conhecimentos profissionais domésticos era idêntico, para ambos os sexos, no que respeitava ao aprendizado

informal, baseado numa prática diária, fosse no convívio com a domesticidade ou com a dona de casa, ou seja, quando se aprendia no dia-a-dia da vida doméstica trabalhando-se como escravo – “Recebe-se uma crioula ou pardinha que seja maior de 10 anos a quem se ensinará tudo que for necessário a uma boa mucama, gratuitamente, na rua dos Latoeiros nº 1”⁷⁶ – ou como livre: “Atenção. Quem quiser dar uma negrinha para se ensinar todos os serviços de uma casa, dirija-se à rua da Assembléia nº 33.”⁷⁷ Mas, invariavelmente, este ensino se fazia em troca de trabalho, que podia até ser remunerado, quando o aprendizado era realizado numa unidade produtiva, num ateliê de costura, por exemplo:

Precisa-se de uma negrinha que seja inteligente para fazer compras e aprender a coser, tanto roupa de homem como de senhora, e que seu aluguel não exceda de 8\$, quem a tiver deixe carta no escritório desta folha com iniciais A.J.P.M.⁷⁸

Em revanche, ele assumia características sexuais quando se tratava de um aprendizado formal. Neste caso, os meninos, escravos ou livres, eram iniciados apenas em ofícios artesanais realizados em oficinas ou ateliês, como se pode ver nos anúncios:

Precisa-se alugar, na praça da Constituição nº 61, loja, um moleque de 12 a 14 anos, para aprender o ofício de dourador e fabricante de molduras ao gosto de Paris⁷⁹

e

Precisa-se de um pequeno de 12 a 13 anos para cozinhar para dois moços, e também aprender o ofício de tanoeiro,

querendo; na rua Nova do Conde nº 20 C, tanoaria.⁸⁰

Quanto às meninas, ainda que o seu aprendizado formal fosse somente em especialidades domésticas, percebe-se claramente que havia uma distinção entre as escravas, cujos donos investiam em sua formação profissional para obter melhores preços na hora de comercializá-las, e as livres, pobres, que não tinham como pagar pela sua formação. Em consequência, são muitos os avisos de oferta de senhoras que tomam escravas para ensinar o que uma mucama devia saber fazer, como por exemplo:

Tomam-se raparigas para se ensinar a coser, marcar e bordar, e o mais que é devido a uma perfeita mucama; na rua da Carioca nº 4⁸¹

e

Uma senhora encarrega-se de tomar algumas escravas de 7 a 8 anos para ensinar a todo o trabalho de agulha e mais serviços de uma casa, por preço cômodo; quem quiser deixe carta neste escritório com as iniciais G.A.C.⁸²

Este ensino, voltado para a qualificação da mão-de-obra escrava, doméstica, era administrado por mulheres em suas casas, mas podia, à vezes, assumir as proporções e as características de uma escola profissionalizante, indicando que se tratava de uma atividade profissional tipicamente feminina, bem estruturada e em expansão dentro do mercado escravista de trabalho, que é o que se pode inferir do aviso:

Continua-se a receber meninas só de cores para ensinar-se a costura lisa e cami-

sas de homem, marcar de toda a qualidade, bordar de branco, picado, crivo, renda, e na mesma ensina-se a engomar e mais algumas prendas, a 2\$ e 3\$ e recebem-se meias pensionistas, a 7\$, no beco de João Batista nº 16.⁸³

A melhor formação doméstica das escravas explicaria por que razão as famílias mais ricas preferiam tê-las em seu serviço, salvo nas funções de mordomo, governanta e, às vezes, de cozinheira, quando se queria uma cozinha estrangeira, como no caso daquela que anunciava:

Precisa-se alugar um perfeito cozinheiro, que entenda especialmente de cozinha francesa, sendo para casa de família; trata-se na rua Direita nº 51, das 10 horas em diante.⁸⁴

Em compensação, muito raramente aparece uma senhora, como a “D. Ermelinda Carlota, costureira bem conhecida pela perfeição de suas obras, moradora na rua do Príncipe dos Cajueiros nº 106”, que recebia “discípulos gratuitamente, sendo pobres”,⁸⁵ e que se propunha a qualificar a mão-de-obra feminina livre (pois, apesar de não especificar o sexo dos seus alunos, sabe-se que a costura, excetuando-se a do alfaiate, era uma atividade essencialmente feminina, provavelmente porque implicava um contato físico do profissional com o cliente no momento de se tomar as medidas e na hora da prova). Mas, aqui também, o ensino gratuito, ministrado em seu ateliê, era dado em troca de trabalho gratuito fornecido pelas alunas na medida em que adquiriam na prática (da mesma maneira que os meninos aprendizes nas oficinas) os conhecimentos específicos de

costureira, e enquanto não iam à busca de um emprego num ateliê de costura, numa loja de roupas ou numa casa de família, quando não preferiam trabalhar por conta própria, realizando “obras” sob encomenda, em casa.

Finalmente, podemos concluir, ainda que provisoriamente, que na segunda metade do século XIX, todo um mercado se desenvolveu em torno da criança. Além de um comércio de roupas, de calçados e adornos importados, todo um sistema de ensino formal e informal se organizou em torno dela. Para as crianças ricas, além da oferta numerosa de colégios de meninos e de meninas, havia os professores que vinham ensinar as primeiras letras em casa: “Precisa-se de um bom professor de primeiras letras para tomar conta do ensino de três meninas em uma casa particular; quem estiver nas circunstâncias, anuncie.”⁸⁶ Quando se tratava de famílias que viviam longe da Corte, nas fazendas, se tornavam agregados da família:

Precisa-se, para a vila de Vassouras, de uma professora para ensinar, em casa particular, a seis meninas todo o trabalho de agulha, e o mais concernente à boa educação de uma senhora, como seja português, francês, piano, canto, etc., etc., dá-se bom ordenado, cama, mesa, roupa lavada e casa para morar, e lecionar separadamente da família, sendo apenas o sustento em casa desta; para tratar e informações, com Teixeira Leite Carvalho e Abreu, rua de S. Pedro nº 60.⁸⁷

Tratava-se, em todos os casos, de preparar os sinhozinhos para as faculdades e as sinhazinhas para o bom desempenho de sua vida familiar e social.

Para as crianças escravas era dado um ensino profissionalizante, tanto informal quanto formal, que devia prepará-las para melhor servir os seus senhores, desde o seu nascimento, o que implicava não só o aprendizado das tarefas domésticas, como lavar, engomar, cozinhar e coser, além de saber “vestir e pregar uma senhora”, como também o desenvolvimento de uma formação moral e de conduta, adequada às suas funções subalternas, baseada na obediência, fidelidade, honestidade e recato.

Quanto às crianças pobres, em sua grande maioria, apenas tinham acesso ao aprendizado informal adquirido como criados das famílias abastadas, ou, no caso dos meninos, como aprendizes nas oficinas e ateliês urbanos. Em sua imensa maioria analfabeta, não podiam concorrer com os “pequenos” portugueses alfabetizados nem com as escravas educadas para as tarefas domésticas. Restavam-lhes os empregos mais mal remunerados ou a exploração doméstica disfarçada em caridade pela adoção.

“Andar com crianças” foi a fórmula encontrada pelas famílias pobres, em sua maioria forra, para empregar os seus filhos e iniciá-los na carreira doméstica. A sua demanda veio, também, das donas de casa pobres que, não podendo abandonar seus afazeres domésticos, empregavam crianças para entreter os seus filhos. Alguns recebiam tanto quanto os negrinhos empregados nas mesmas funções, outros apenas casa e comida. Mas, em ambos os casos, os seus aluguéis eram recebidos invariavelmente pelos seus responsáveis, pais ou donos. Então, para uma criança pobre, que diferença fazia ser livre?

E o que significava ser livre para as mulheres pobres? O principal mercado de trabalho para elas era o doméstico. Por isso, para sobreviver, empregavam-se como criadas ou amas-de-leite. As mais qualificadas impunham certas restrições contratuais e exigiam salários correspondentes aos das escravas, procurando trabalhar em casas de famílias de poucas pessoas, preferencialmente de homens viúvos ou solteiros. As demais, que parecem ser a grande maioria, desqualificadas, eram obrigadas a se submeter às exigências patronais e a uma exploração mais intensa. Elas eram preferidas pelas famílias menos abastadas, cujo orçamento apertado só permitia o aluguel barato de escravos velhos, com quem disputavam os empregos. Do que se infere que elas valiam o que valia um escravo velho, ou seja, muito pouco, e, mais jovens, podiam ser mais exploradas.

Quanto às crianças ricas, fica evidente que os cuidados para com elas faziam parte das preocupações das famílias cariocas que investiam uma parte de suas rendas na formação e contratação de um pessoal doméstico, escravo ou livre, só para tratar delas, fosse para amamentá-las, lavá-las, penteá-las e vesti-las, fosse para brincar e passear com elas, fosse para fazê-las comer e dormir ou para costurar, remendar, lavar e engomar suas roupinhas. A insistência com o zelo, o desvelo e o carinho que deveriam ser-lhes dispensados era uma demonstração da atenção especial com que eram rodeadas. E a referência “muito carinhosa para crianças”, recorrente nos anúncios não só das babás e das “mães” adotivas, como das domésticas em geral, evidencia que esta era uma qualidade comumente exigida pelas famílias e que valorizava

qualquer empregada. No entanto, se carinho tinha um valor de mercado, o comércio que se desenvolveu em torno da venda do leite materno deixa claro que este era o produto que mais agregava valor à mulher, especialmente a desqualificada.

Em suma, subentende-se dos anúncios dos jornais que as famílias cariocas cercavam suas crianças de uma relação afetuosa de carinho e de atenções especiais que, eventualmente, transbordavam e envolviam as crianças escravas da casa, sempre apresentadas como muito galantes, bonitas, espertas e gordas, que se tornariam companheiras dos jogos e brinquedos das sinhazinhas e dos sinhozinhos, suas mucamas e seus pajens.

Enfim, as atenções das famílias para com os seus filhos eram tantas, que muitos pais, para agradá-las e satisfazer as suas vontades, em vez de presenteá-las

apenas com bonecas e brinquedos, preferiam ir à rua da Alfândega nº 329 comprar-lhes “uma crioula ou crioulinho de 1 a 2 anos, muito lindos, próprios para presente”,⁸⁸ ou, ainda que fosse preciso desembolsar uma boa soma de dinheiro (o que não era um problema, por ser um bom investimento), adquirir para um garoto, no segundo andar da rua da Ajuda nº 67, “um lindo pardinho de 8 anos, livre de bexigas, próprio para pajem de menino, por 950\$”,⁸⁹ e para uma menina, uma mucama já com algumas prendas e que vinha até com garantia!⁹⁰

Vende-se uma negrinha natural do Rio de Janeiro, de 12 anos, com princípio de costura, a mais linda que se pode desejar, própria para fazer um presente, e está na companhia de seguro; na rua do Ouvidor nº 12.⁹¹

Como eram mimadas as crianças livres da Corte!

Abstract: During the XIXth century there was a large number of newspaper advertisements turning around the issue of child care: some looking for families willing to take free and captive children to be raised, some from families offering to take on children for raising, as well as some for wet nurses to suckle free children. This reveals an organized trade around the sale of motherly milk. Controlled at first by slave owners, this market was gradually disputed by poor free women, who had to resort to specific strategies to grab a share of it. In this dispute, being “tender toward children” was a valuable asset for any woman servant; but doubtless the most prized asset was mother’s milk, specially for women without other qualifications; these could then enter the labor market selling a high value product, the consumption of which required

the physical presence of the wet nurse, until she could be replaced by the milk bottle.

Keywords: *Adoptive families; wet nurses; dry nurses; trade in motherly milk.*

Notas

¹ Esta pesquisa faz parte do projeto História Social da Alimentação no Brasil, desenvolvido pelos professores Almir Chaiban El-Kareh, Héctor Hernán Bruit e Eliane Monteiro Considera, membros do GT "História Social do Corpo e dos Saberes e Práticas Médicas e Assistenciais". Ela foi toda realizada na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

² CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 09 out. 1856, Anúncios. p. 3.

³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 24 jan. 1857, Anúncios.p. 3.

⁴ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 25 maio 1856, Anúncios. p. 2.

⁵ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 08 mar. 1856, Anúncios. p. 3.

⁶ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 21 dez. 1856, Anúncios. p. 3.

⁷ KIDDER (1980, p. 61).

⁸ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 02 mar. 1857, Anúncios. p. 4.

⁹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 28 fev. 1857, Anúncios. p. 4.

¹⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 maio 1857, Anúncios. p. 4.

¹¹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 04 abr. 1857, Anúncios. p. 4.

¹² CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 05 jan. 1857, Anúncios. p. 3.

¹³ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 02 jan. 1864, Anúncios. p. 4.

¹⁴ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 03 maio 1854, Anúncios. p. 3.

¹⁵ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 31 jan. 1857, Anúncios. p. 3.

¹⁶ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 02 ago. 1856, Anúncios. p. 3.

¹⁷ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 17 dez. 1856, Anúncios. p. 3.

¹⁸ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 15 jun. 1857, Anúncios. p. 4.

¹⁹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 15 fev. 1857, Anúncios. p. 3.

²⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 04 set. 1864, Anúncios. p. 4.

²¹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 01 mar. 1857, Anúncios. p. 4.

²² JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 07 jul. 1849, Anúncios. p. 4.

²³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 25 out. 1856, Anúncios. p. 3.

²⁴ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 16 dez. 1856, Anúncios. p. 3.

²⁵ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 04 jul. 1856, Anúncios. p. 3.

²⁶ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 05 jul. 1856, Anúncios. p. 3.

²⁷ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 04 jul. 1856, Anúncios. p. 3.

²⁸ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 17 dez. 1856, Anúncios. p. 3.

²⁹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 26 e 27 dez. 1856, Anúncios. p. 2.

³⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 28 fev. 1857, Anúncios. p. 4.

- ³¹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 28 fev. 1857, Anúncios. p. 3.
- ³² CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 30 nov. 1856, Anúncios. p. 2.
- ³³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 27 jul. 1856, Anúncios. p. 3.
- ³⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 20 jan. 1861, Anúncios. p. 4.
- ³⁵ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 03 ago. 1856, Anúncios. p. 3.
- ³⁶ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 29 jun. 1856, Anúncios. p. 3.
- ³⁷ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 out. 1864, Anúncios. p. 3.
- ³⁸ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 18 set. 1864, Anúncios. p. 4.
- ³⁹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 24 jan. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁴⁰ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 07 jan. 1858, Anúncios. p. 3.
- ⁴¹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 24 ago. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁴² CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 03 maio 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁴³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 24 jan. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁴⁴ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 12 nov. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁴⁵ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 14 mar. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁴⁶ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 02 jul. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁴⁷ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 23 nov. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁴⁸ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 30 nov. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁴⁹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 26 abr. 1857, Anúncios. p. 4.
- ⁵⁰ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 19 nov. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁵¹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 23 ago. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁵² JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 01 mar. 1857, Anúncios. p. 4.
- ⁵³ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 out. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁵⁴ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 20 set. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁵⁵ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 01 jan. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁵⁶ EL-KAREH (2004, p. 78-80).
- ⁵⁷ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 jun. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁵⁸ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 01 fev. 1858, Anúncios. p. 3.
- ⁵⁹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 01 set. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁶⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 maio 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁶¹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 28 mar. 1857, Anúncios. p. 4.
- ⁶² JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 jun. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁶³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 10 jan. 1858, Anúncios. p. 3.
- ⁶⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 02 jan. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁶⁵ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 03 jul. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁶⁶ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 02 jul. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁶⁷ KIDDER, op. cit., p. 77-78.
- ⁶⁸ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 31 ago. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁶⁹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 10 ago. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 06 jun. 1857, Anúncios. p.4.
- ⁷¹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 06 jun. 1857, Anúncios. p.4.

- ⁷² JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 02 jan. 1864, Anúncios. p.4.
- ⁷³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 12 out. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁴ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 04 out. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁵ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 29 jun. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁶ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 04 out. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁷ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 05 nov. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁸ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 04 out. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁷⁹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 04 abr. 1857, Anúncios. p. 4.
- ⁸⁰ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 04 set. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁸¹ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 21 fev. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁸² JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 05 jan. 1861, Anúncios. p. 3.
- ⁸³ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 01 out. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁸⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 jun. 1864, Anúncios. p. 4.
- ⁸⁵ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 14 mar. 1857, Anúncios. p. 3.
- ⁸⁶ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 27 jul. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁸⁷ JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 30 maio 1857, Anúncios. p. 4.
- ⁸⁸ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 17 set. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁸⁹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 24 dez. 1856, Anúncios. p. 3.
- ⁹⁰ A principal empresa de seguro de vida de escravos da Corte era a “Companhia Previdência”.
- ⁹¹ CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 02 maio 1856, Anúncios. p. 3.

Referências

CORREIO MERCANTIL. RIO DE JANEIRO: [s.n.], 1843-[18--?].

EL-KAREH, Almir Chaiban; BRUIT, Hector Herman. Cozinhar e comer, em casa e na rua: culinária e gastronomia na corte do império do Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 78-80, jan./jun. 2004.

JORNAL DO COMÉRCIO. RIO DE JANEIRO: [s.n.], 1827-.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.